

As dificuldades das crianças com transtorno do espectro autista na aprendizagem e uso da linguagem e comunicação: mini revisão de literatura

Ana Paula Cardoso Melo¹, Arthur Guimarães Arantes¹, Filipe Moreira Gomides Sardinha Carvalhedo¹, José Arthur Marques Santana¹, Olímpio Martins Neto¹, Raphael Pedatella Silva¹, Juliane Macedo²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

RESUMO: O transtorno do espectro autista (TEA) é uma síndrome cujas principais características incluem: dificuldades na comunicação e interação social, que podem causar limitações dos comportamentos de reciprocidade social, comunicação verbal e não verbal, habilidade de iniciar, manter e entender relacionamentos. Nessa perspectiva, a presente análise trata-se de uma mini revisão integrativa de literatura que teve como objetivo identificar e avaliar as dificuldades na aprendizagem e uso da comunicação e linguagem em crianças com transtorno do espectro autista. Foram utilizados cinco artigos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando os descritores: Autismo, Criança e Aprendizagem. Constatou-se que o TEA desencadeia uma série de dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem, comunicação e linguagem das crianças, tendo como exemplos: dificuldade para estabelecer relacionamentos com os colegas de sala e a presença de comportamentos considerados inadequados, dificultando o aprendizado próprio e dos outros alunos. Notou-se que várias estratégias tem sido adotadas na tentativa de promover um melhor desenvolvimento para as crianças com diagnóstico de TEA e a grande importância de se realizar um diagnóstico precoce, a fim de reduzir déficits no aprendizado, na comunicação e na linguagem. Diante do exposto, conclui-se que o Transtorno do Espectro Autista está relacionado ao surgimento de dificuldades no aprendizado e uso da comunicação e linguagem das crianças, visto que tendem a apresentar dificuldades de estabelecer relações interpessoais e em sua grande maioria não conseguem apresentar um bom desenvolvimento escolar.

Palavras-chave: autismo; criança; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma síndrome cujas principais características incluem: dificuldades na comunicação e interação social, que podem causar limitações dos comportamentos de reciprocidade social, comunicação verbal e não verbal, habilidade de iniciar, manter e entender relacionamentos. Dessa maneira, a criança com TEA pode não expressar suas emoções apropriadamente, não compartilhar experiências sociais e não desenvolver percepção das reações dos outros (MOUSINHO *et al.*, 2010).

Segundo dados do Center of Diseases Control and Prevention (CDC), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje um caso de autismo a cada 110 pessoas. Sendo assim, é estimado que exista uma população de cerca de 2 milhões de autistas no Brasil (OLIVEIRA, 2016).

Pessoas com TEA apresentam dificuldades na linguagem receptiva e expressiva, dificuldade na aprendizagem de relações arbitrárias, dificuldade de memória sequencial, de forma a demonstrar comportamentos inadequados por não saber o que vai ocorrer. Várias dessas habilidades são importantes para aprendizagem de repertórios de leitura e de escrita, e a defasagem delas pode dificultar o processo de ensino e aprendizagem (MILLAN; POSTALLI, 2019). Desse modo, faz-se mister elucidar as principais dificuldades que as crianças diagnosticadas com TEA têm em seu processo de aprendizagem, socialização e comunicação.

Nesse sentido, a presente mini revisão integrativa de literatura buscou identificar as dificuldades na aprendizagem e uso da comunicação e linguagem em crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

METODOLOGIA

Trata-se de uma mini revisão integrativa de literatura que buscou responder à questão norteadora: Qual a dificuldade na aprendizagem e uso da linguagem e comunicação de crianças com transtorno do espectro autista? Os artigos foram buscados na base de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando os descritores: Autismo, Criança e Aprendizagem. Foi utilizado entre eles o booleano AND, com a exclusão de revisão de literatura. Foram encontrados 566 artigos. Os critérios de inclusão utilizados foram artigos publicados em língua portuguesa e que apresentaram texto completo, reduzindo o número de artigos encontrados para 13. Dos 13 artigos encontrados, 8 foram excluídos por não contemplarem o tema proposto, e 5 foram incluídos para análise dos resultados.

RESULTADOS

Após análise dos artigos selecionados, é nítido que o transtorno do espectro autista (TEA) desencadeia uma série de dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem, comunicação e

linguagem das crianças. Os autores dos artigos em questão utilizaram metodologias de estudo distintas, entretanto é possível observar complicações causadas pelo TEA em todos os trabalhos.

Com relação a faltas e permanência em salas de aula, a maioria dos alunos com diagnóstico de autismo apresentavam poucas faltas e boa permanência em sala, principalmente na educação infantil, uma vez que 80% dos alunos da educação infantil permaneciam em sala de aula durante todo o tempo de jornada escolar. Entretanto, essas crianças não obtinham um bom aproveitamento escolar, visto que, 90% dos alunos com autismo não acompanham os conteúdos pedagógicos desenvolvidos pelas escolas (GOMES; MENDES, 2010). Outro fator evidenciado que dificulta o aprendizado são os comportamentos inadequados apresentados, tendo como exemplo a manipulação indevida de materiais, chamar a professora, fazer comentários em voz alta e o comportamento alternativo de realizar atividades, o que muitas vezes além de atrapalhar o próprio desenvolvimento da criança, que tende a ficar mais dispersa, acaba atrapalhando os demais colegas e professores (SILVIA; ARANTES; ELIAS, 2020). Ademais, as relações interpessoais desenvolvidas em sala de aula são fundamentais para um bom aproveitamento escolar, e uma característica marcante é o fato de crianças com TEA apresentarem desenvolvimento atípico na interação social e comunicação, o que muitas vezes leva essas crianças a exclusão social e desestímulo relacionado a escola e a aprendes (PIMENTEL; FERNADES, 2014). Outros autores também abordaram as dificuldades ligadas ao estabelecimento de interações sociais para crianças com diagnóstico de autismo (TAMANAHA; MARTELETO; PERISSINOTO, 2014; MILLAN; POSTALLI, 2019).

A área da linguagem e comunicação é outro ponto afetado pelo TEA, apenas 40% dos alunos da educação infantil com diagnóstico de autismo falam em sala de aula, o que se relaciona amplamente com o problema das relações interpessoais, levando com que essas crianças se isolem (GOMES; MENDES, 2010). No transtorno do espectro autista existem crianças verbais e não verbais, e um estudo foi realizado com o foco de identificar as principais diferenças entre crianças verbais (denominadas grupo GAV), composto por 40 crianças, e crianças não verbais (denominadas grupo GANV), composto por 28 crianças. Para isso, foi utilizado o *Autism Behavior Checklist* (ABC), traduzido e pré-validado para a Língua Portuguesa, que lista os comportamentos não adaptativos nas áreas: sensorial, relacional, uso do corpo e objeto e pessoal social; sendo que não houve diferença significativas nos escores totais, posto que somente na área Linguagem o GV apresentou média significativamente diferente do grupo GANV (TAMANAHA; MARTELETO; PERISSINOTO, 2014; MILLAN; POSTALLI, 2019).

Além disso, é importante lembrar que os professores das crianças com TEA também apresentam dificuldades, como promover a inclusão dessas crianças nas atividades realizadas em sala de aula e na forma correta de lidar com comportamentos inadequados. Essa temática foi abordada na pesquisa desenvolvida com a participação 51 professores de escolas regulares e especiais, que tinham crianças e/ou adolescentes com diagnóstico psiquiátrico incluído no Espectro do Autismo, dentre seus alunos. Foi aplicado um questionário para os professores, com 11 questões fechadas e de classificação,

elaborado pela pesquisadora. Por meio dele, buscou-se identificar as percepções dos professores sobre o papel que exercem em relação ao aluno, suas dificuldades e habilidades no que se refere ao aluno, suas observações sobre comportamentos e interesses do aluno e estratégias de comunicação usadas por ambos. A partir das respostas fornecidas, observou-se que a grande maioria acreditava estimular e contribuir, principalmente na comunicação e nas relações interpessoais do indivíduo. As áreas em que tinham mais dificuldade para estimular eram as relações interpessoais e a autonomia (PIMENTEL; FERNADES, 2014). Professoras de crianças com TEA também demonstraram apresentar dificuldades no que se refere aos comportamentos inadequados, que atrapalhavam suas aulas e elas se sentiam perdidas em como lidar com isso (SILVIA; ARANTES; ELIAS, 2020).

DISCUSSÃO

Após a análise dos resultados, é válido salientar a grande diversidade de metodologias utilizadas, portanto, percebe-se que, embora os artigos abordem o mesmo tema, os focos de estudo tendem a ser um pouco diferentes. Dessa forma, é possível abordar um mesmo tema com visões diferentes, o que possibilita a compreensão de uma forma mais ampla, portanto, faz-se necessário compreender alguns pontos-chaves abordados pelos artigos e acrescentar as visões de outros autores que também abordaram o assunto.

No estudo de Campos (2015), 2 grupos de crianças e adolescentes foram divididos e avaliados a partir de parâmetros diferentes dos utilizados Autism Behavior Checklist (ABC), ambos relacionaram as habilidades de comportamento e comunicação, porém apenas um deles em relacionou inteligência não verbal. Os resultados “indicam que crianças com melhores resultados em inteligência não verbal e melhores habilidades de comunicação e comportamento tendem a permanecer mais tempo na escola por semana”, mostrando que o tempo de permanência na escola é muito importante para o desenvolvimento de ambos os grupos, o verbal e o não verbal.

Em relação ao diagnóstico prévio dos alunos, observou-se uma variedade de nomes apontados nos relatórios médicos. Essa variedade reflete a multiplicidade de termos utilizados para nomear os TEA e também à diversidade no perfil das pessoas com autismo. Sobre o levantamento dos alunos com autismo observa-se certa imprecisão nos números, dada a complexidade da definição do diagnóstico do autismo, bem como a dificuldade da escola em detectar alunos com autismo e distingui-los dos alunos com outros transtornos de desenvolvimento (GOMES; MENDES, 2010).

Sobre a relação entre série e idade dos alunos, no 1º, 2º e 3º ciclos, 40% dos alunos autistas estão em etapas educacionais que não correspondem à sua idade cronológica esperada, enquanto na educação infantil geralmente a série do aluno autista corresponde à idade esperada. Provavelmente, essa disparidade ocorre porque nos ciclos há necessidade de aprendizagem de conteúdos específicos com

avaliação, e caso o aluno não atinja nota esperada ele não pode avançar, o que causa a distorção entre série/idade cronológica (GOMES; MENDES, 2010).

O estudo de Cardoso (2015) teve como objetivo analisar as dificuldades de adaptação do aluno autista na sala de aula, assim como propor sugestões para sanar esses entraves. Um dos problemas mais evidentes é a baixa inclusão desses alunos, assim como a escassez de atividades didáticas adaptadas. Para melhorar essa condição apresentada, foi sugerido que os alunos com TEA do 1º ano do ensino fundamental I recebam conteúdos através de sons e imagens nas disciplinas de ciências, geografia e história, adaptando o planejamento pedagógico a essa didática. Nessa proposta, no caso das disciplinas Língua Portuguesa e Matemática pode-se adaptar o currículo para promover a alfabetização dos alunos através dos sons e imagens e em atividades socializadoras e interacionistas, como ditado de figuras com letras do alfabeto, dominós, e outras formas lúdicas de interação dos alunos normais com os alunos autistas. A adoção desses métodos didáticos poderia melhorar o aprendizado dos alunos com TEA, reduzindo a disparidade da relação entre série e idade relatada.

A Perturbação do Espectro Autista (PEA), é caracterizada pelo atraso nos domínios quanto às interações sociais e comunicação/linguagem. Essas alterações na comunicação social das crianças com PEA são consideradas universais, independente da idade e nível de desenvolvimento. O fato de as crianças com PEA apresentarem baixa resposta a chamamentos, no primeiro ano de idade e aparecimento das primeiras palavras em média aos 38 meses de idade corrobora com os transtornos da PEA já abordados (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016). No estudo de Fernandes *et al.* (2010), foram feitas sessões de orientação e acompanhamento a díades mãe-criança, em que a criança possui DEA e frequente terapia fonoaudióloga. O foco direcionado à comunicação possibilitou a identificação de elementos como a obtenção da atenção da criança, a iniciativa de comunicação ou de alguma atividade conjunta, a latência para a resposta e o uso de materiais ou brinquedos de interesse da criança como essenciais para o estabelecimento de interações bem-sucedidas. Portanto, a utilização desses elementos no ensino escolar poderia trazer bons resultados para o melhor desenvolvimento da interação das crianças com DEA, diminuindo as dificuldades de se relacionarem com seus colegas.

Algumas outras propostas de atividades que tem como objetivo auxiliar as crianças com TEA em seu desenvolvimento já foram propostas, como a criação de Histórias Sociais (HS), criadas com bases em comportamentos inadequados das crianças com TEA, apresentaram resultados bastante promissores, principalmente, no que diz respeito a comportamentos de realizar atividades quando solicitado em sala de aula pela professora. Os dados indicaram também que outros comportamentos inadequados não tratados diretamente na HS sofreram modificação, como manipulação indevida de materiais e interações inadequadas com colegas (SILVIA; ARANTES; ELIAS, 2020).

Em relação às limitações apresentadas pelas pesquisas encontradas, destaca-se o pequeno espaço amostral, ou seja, o baixo número de alunos com TEA envolvidos no estudo. Isso limita uma

compreensão mais ampla e certa sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos com TEA e a real situação desses indivíduos no meio escolar. Ademais, também foi percebido que os trabalhos apresentados possuem certa dificuldade em definir com certeza qual o transtorno as crianças estudadas apresentam, dada à complexidade do diagnóstico dessa condição. Para que as dificuldades dos alunos com TEA sejam compreendidas de melhor forma e que propostas eficientes sejam feitas para melhorar seu aprendizado, comunicação e linguagem, novas pesquisas devem ser feitas sobre tal assunto.

CONCLUSÃO

Foi analisada a relação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) com o aprendizado, a comunicação e linguagem de crianças, com base nos resultados encontrados e do que foi discutido, é lícito postular que o TEA tem ampla influência sobre o desenvolvimento das crianças com diagnóstico positivo para o transtorno. Desse modo, é muito importante que o diagnóstico seja realizado de forma mais precoce possível, a fim de que consequências no desenvolvimento dessas crianças sejam evitadas. Ademais, o Estado deve auxiliar as escolas na capacitação de professores e disponibilizar os materiais necessários para lidar com essas crianças, além disso, deve fornecer apoio as famílias, que são peça fundamental para um bom desenvolvimento das crianças. A análise das dificuldades relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista demonstra a necessidade da realização contínua de novos estudos, com a finalidade de promover melhores condições para o desenvolvimento de crianças com diagnóstico de autismo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, L. K. Comparação entre o perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo. **Dissertação apresentada à faculdade de Medicina de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências Programa de Ciências da Reabilitação**, São Paulo, n.v, n.p, 2015.

CARDOSO, F. A.; et. al. A dificuldade de adaptação do aluno autista na sala de aula do 1º ano das séries iniciais do ensino fundamental. Amapá, n.v, n.p, 2015.

FERNANDES, F. D. M.; et. al. Orientação a mães de crianças do espectro autístico a respeito da comunicação e linguagem. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.**; v.23, n.1, p.1-7, 2011.

GOMES, C. G. S.; MENDES, E. G. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n.3, p375-396, Set-Dez., 2010. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/MLYDnyY5DbKb3mpC8NCKtwb/?lang=pt> acesso: 15/11/2021

MILLAN, A. E.; POSTALLI, L. M. M. Ensino de Habilidades Rudimentares de Leitura para Alunos com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v.25, n.1, p133-154, Jan-Mar., 2019. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/FhpphVB8jMs679PrxkgwTjj/?lang=pt> acesso: 15/11/2021

MOUSINHO, R. et. al. Medicação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Revista Psicopedagoga**. V.27, n.82, p.92-108, 2010.

OLIVEIRA, C. Um retrato do autismo no Brasil. **Revista espaço aberto**. São Paulo, n.v, n.p, 2016. <http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil#:~:text=Segundo%20dados%20do%20CDC%20> acesso: 15/11/2021

PIMENTEL, A. G. L.; FERNANDES, F. D. M. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiology – Communication Research**, São Paulo, v.19, n.2, p.171-178, 2014. <https://www.scielo.br/j/acr/a/S9vVj4QZJHQrnsZy3Tx55Tj/?lang=pt> acesso: 15/11/2021

REIS, H. I. S.; PEREIRA, A. P. S.; ALMEIDA, L. S. Características e Especificidades da comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.22, n.3, p325-336, Jul-Set., 2016. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/3xpxVppcrgDynBCM4TVDptQ/?lang=pt> acesso: 15/11/2021

SILVIA, M. C.; ARANTES, A.; ELIAS, N. C. Uso de Histórias Sociais em sala de aula para crianças com autismo. **Psychology Estudy**, v.25, e43094, 2020. <https://www.scielo.br/j/pe/a/Xk54pKzCmPVFPxpG68zsV7q/?lang=pt> acesso: 15/11/2021

TAMANAHAN, A. C.; MARTELETO, M. R. F.; PERISSINOTO, J. A interferência do status de linguagem expressiva na pontuação do Autism Behavior Checklist em autistas verbais e não verbais. **Audiology – Communication Research**, São Paulo, v.19, n.2, p.167-170, 2014. <https://www.scielo.br/j/acr/a/d3tjgX-spXJwDrcTcJhGXpxG/?lang=pt> acesso: 15/11/2021